



## O DISCURSO POLÍTICO DO SUJEITO XUKURU DO ORORUBÁ: SILENCIAMENTO, MEMÓRIA E LUTA

José Reginaldo Gomes de Santana<sup>1</sup>

*“Acolhe seu filho, minha mãe natureza. Ele não vai ser enterrado (...) Ele não vai ser sepultado, e sim ele vai ser plantado para que dele nasçam novos guerreiros, minha mãe natureza!”<sup>2</sup>*

Este trabalho analisa o discurso político do sujeito Xukuru do Ororubá em uma posição que é construída, simultaneamente, através do efeito do dizer do "já constituído" Sujeito Indígena com o dizer do Sujeito Xukuru em um lugar outro – não circunscrito à Serra do Ororubá (localizada no Agreste de Pernambuco, na cidade de Pesqueira). A luta do Cacique Francisco de Assis Araújo, “Xicão”, pela demarcação da terra, as palavras ditas durante essa empreitada, o seu assassinato e os dizeres sobre este fato constituem grande parte dos saberes determinantes do discurso do Sujeito Xukuru de Ororubá.

Na fundamentação teórica, mobilizamos os conceitos de arquivo (PÊCHEUX, 2010), silenciamento (ORLANDI, 2007) e memória discursiva (COURTINE, 2009). O *corpus* deste trabalho é formado por arquivos de vídeos – documentários, reportagens e informativos institucionais – que apresentam dizeres do Xukuru em diferentes condições de produção: tanto na luta pela terra como em outras posições.

Entendemos os documentos e os vídeos do nosso *corpus* como um arquivo, como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, [1982], 2010, p.51). Assim como Romão, Leandro-Ferreira e Dela-Silva (2011, p.13), entendemos que, na leitura de um arquivo, há a necessidade de considerar a questão sobre sua gestão/constituição: “documentos ‘pertinentes’ a quem, e ‘disponíveis’ a quem, em que condições sócio-históricas e ideológicas?”. Para Borges (2013, p.256), “O interdiscurso e o arquivo são dois modos distintos de funcionamento da memória discursiva. Enquanto o interdiscurso se estrutura pelo esquecimento, o arquivo é o que não se esquece ou o que não se deve esquecer’.

O dispositivo teórico-metodológico que utilizamos é calcado na Análise do Discurso de Linha francesa, filiada ao pensamento de Michel Pêcheux e com desdobramentos no Brasil a partir de Eni Orlandi. A análise discursiva deste trabalho parte dos marcos históricos fundantes apresentados por Silva (2008, 2011), que pontuam a história e as memórias desse povo, passa pela relação de arquivo e memória discursiva como também pelo funcionamento do político no trabalho dessa relação, no silenciamento, deslizamento e regularização de sentidos.

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Linguagem pela Unicap. Professor de Arte/Música do IFPE Campus Pesqueira.

<sup>2</sup> Fala de Zenilda Araújo no sepultamento do seu marido Xicão. Documentário Xicão Xucuru. TV Viva <https://www.youtube.com/watch?v=jqV4RqjG9V0>



A sequência discursiva abaixo foi recortada do vídeo institucional *Sou IFPE: abril indígena*. O vídeo traz o depoimento de uma aluna Xukuru – IFPE, Bacharelanda em Enfermagem.

#### Sujeito1

(...) se você for avaliar, **historicamente falando**, todas as **conquistas dos povos indígenas foram através da luta**. Porque todo mundo **se junta, unifica** e a gente consegue. E aí a gente **luta cada dia**. A gente luta através dos movimentos estudantis, luta através de vir para cá, acordar cedo todos os dias, assistir aula, ou através dos projetos de extensão que atualmente eu desenvolvo um projeto de extensão com o meu povo. (...) A gente tenta somar. Também não só trazer os conhecimentos **de lá para cá**, mas também levar **daqui pra lá**. A gente **aprende, desde a escola na aldeia**, que a gente sozinha não consegue nada. (...) se não tivesse existido a criação **de políticas públicas** para a cota, por exemplo, se não tivesse essa **interiorização do ensino**, seria muito mais complicado como era antes. (...) eu busco **agarrar cada oportunidade** que eu tenho: se tenho chance de ser monitora, vou ser monitora; se tenho chance de ser extensionista, vou ser extensionista. E tentar me aperfeiçoar para **contribuir mais tarde para o meu povo** (...).<sup>3</sup>

No dizer do Sujeito aluna Xukuru – IFPE há um regime de repetibilidade em que se imbricam os discursos de lutas e conquistas. A memória discursiva do povo Xukuru é permeada por ações e marcos históricos calcados em atos de bravura, coragem, resistência e até mesmo no não temer a morte pela causa indígena. O cacique Xicão foi assassinado por conta da luta pela demarcação e ocupação do território Xukuru. É memorável o seu depoimento anos antes da sua morte:

Estão querendo fazer comigo mesmo aquilo que fizeram com Antônio Conselheiro, Che Guevara e com outras lideranças, mas não tem nada. Se esse for meu destino, for autorizado pela natureza, por Deus, estou disponível. Não vou me recuar.<sup>4</sup>

O funcionamento do discurso de Xicão revela a mesma trilha inevitável de heróis históricos que foram imolados, sacrificados por uma causa maior. No seu dizer, além da permissão do destino e de Deus, a natureza (a mãe natureza, os encantados) pode autorizar, permitir que ele seja assassinado. O discurso heróico de luta, do não retroceder mesmo que algo de terrível aconteça, funciona como uma antecipação do sujeito Xicão para nortear o seu povo nas lutas vindouras pelas retomadas das terras do Ororubá. Segundo Orlandi (1998, p.76),

Todo sujeito (orador) experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador, constituído pelo jogo das formações imaginárias (a imagem que faz de x, de si mesmo, do outro). Cada um 'sabe' prever onde seu ouvinte o espera". Esta antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva de todo discurso

O funcionamento discursivo do dizer de Xicão difere do discurso midiáticos de heroicização estudados por Grigoletto e De Nardi (2015, 2016), embora entendamos que existam pontos em comum entre eles. No discurso de heroicização, segundo as autoras, os sujeitos e discursos são despolitizados. O fato de eles se tornarem heróis é oriundo do movimento do apagamento de contradições, de uma aparente inexistência de espaços para questionamentos à heroicização desses sujeitos.

<sup>3</sup> <https://www.facebook.com/hashtag/canalifpe>

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=V1nn8Ayj8lQ>



Nos diferentes olhares que se colocam sobre o herói, o que aparece como recorrência é o fato de ser ele uma fonte perene de identificações imaginárias e de identidade coletiva, desde as antigas epopeias, quando se estabelece sua ligação estreita com o mito nacional, até a contemporaneidade, quando ele assume aspectos peculiares em representações culturais fortemente mediadas pelos discursos midiáticos, com sua propensão à espetacularização. (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2015, p. 120).

No depoimento do sujeito 1, o falar sobre união, unificação e conquista é constituído de uma memória discursiva que retrata um processo de mudança de posição histórica do sujeito xukuru do Ororubá. Antes da Constituinte de 1988, da organização do povo pelo cacique Xicão, os xukuru se identificavam como caboclos. Eles eram assujeitados ao discurso dos fazendeiros que tomaram posse das terras do Ororubá. Segundo Pêcheux (1988, p.161), “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. A mudança de posição de sujeito caboclo para a de sujeito xukuru pelos indígenas do Ororubá foi uma das conquistas de Xicão. “O objetivo de Xicão era mostrar para o povo Xukuru e dizer para o povo Xukuru quem era o povo Xukuru”<sup>5</sup>. Segundo Silva (2008, p. 183),

Em suas mobilizações, os Xukuru constantemente recorreram às memórias como forma de garantir as reivindicações de seus direitos, dentre eles primordialmente a demarcação do território, ocorrida em 2001. Nos relatos das memórias orais dos Xukuru, encontramos lembranças de um tempo em que as pressões dos fazendeiros não eram tão intensas. Nascida em Brejinho e atualmente moradora na vizinha Aldeia Cana Brava, “Dona” Lica recordou que sua mãe dizia ter ouvido dos antepassados que não existia documento de propriedade da terra. A entrevistada lembrou também ter ouvido sua mãe falar que o local onde nasceu, sem a presença ostensiva de fazendeiros, possuía muita água e matas, proporcionando fartura de fruteiras. Ela e mais ainda seus antepassados viviam do que coletavam da natureza.

O dizer “**eu busco agarrar cada oportunidade**” remete – em outras condições de produção, em uma posição ressignificada – ao grito de conclamação do Cacique Marcos, filho de Xicão (e à resposta do seu povo) sobre a porteira demarcatória da entrada do território Xukuru. Um ato emblemático do início da caminhada Xukuru à cidade de Pesqueira para a finalização de sua assembleia todo dia 20 de maio de cada ano: “– E diga ao povo que avance! – Avançaremos!”<sup>6</sup>.

O dizer “A gente **aprende, desde a escola na aldeia**, que a gente sozinha não consegue nada” produz um efeito de sentido de que, além dos dizeres enunciados nos rituais, nas celebrações, nas festas, nas assembleias e no cotidiano Xukuru, o sujeito Xukuru é constituído por um discurso que é mobilizado nas escolas do seu povo.

A função da escola é formar guerreiros! E é por isso que ela existe! (...) formando guerreiros que lutam pela terra, pelos direitos, participam ativamente da vida político-social do povo, valorizam o ritual e as festas, fazendo com que o projeto de vida Xukuru se torne sólido e garantido. (POVO XUKURU DO ORORUBÁ, 2010, p.13)

<sup>5</sup> Palavras de Zé de Santa no documentário “Xicão Xukuru”. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=V1nn8Ayj8IQ>

<sup>6</sup> Discurso do Cacique Marcos na 17ª Assembleia Xucurú-Limoalaygo Toype. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Jd2s-DnwWuc>



Como nos diz Courtine (2009, p.105), o trabalho da memória discursiva está relacionado “à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. Assim, o dizer do Sujeito Xukuru é constituído de materialidade discursiva, dos ditos em outras conjunturas, em outros tempos, em outros lugares. O sujeito indígena vai sendo enredado no corpo da cidade (BORGES, 2013), fora dos domínios Xukuru. no corpo da instituição de ensino, no processo de sua formação como bacharel em Enfermagem. O discurso de luta se ressignifica, toma novos sentidos. Temas como políticas públicas afirmativas e interiorização de ensino, monitoria, extensão vão sendo incorporados ao discurso do Sujeito Xukuru e sua luta em novas conjunturas, em outras condições de produção.

Em nosso trabalho, observamos que a retomada do território Xukuru, legitimada pela Constituição de 1988, a afirmação do Indígena não mais como caboclo, a inserção do estudante Xukuru em instituições de ensino técnico e superior, e a posição da comunidade indígena diante dos últimos acontecimentos políticos no país são constituídos por um discurso de luta, de conquista; dizeres mobilizados por memórias discursivas e pela leitura de arquivos que se tornaram memoráveis para este povo e para os povos indígenas no Brasil. Entendemos que o discurso do Sujeito Xukuru vai ganhando novos sentidos em condições de produção diversas, mas ainda o que é memorável nos saberes dos discursos fundantes permanece mobilizando sentidos e sujeitos. Isso em razão da constante luta política desse povo na estrutura e na conjuntura político-econômico-social nacional vigente.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, Á. A. C. O corpo indígena enredado no corpo da cidade: efeitos do/no discurso. In: FERREIRA, C. L.; INDURSKY, F.; MITTMANN, S.. (Org.). O acontecimento do discurso no Brasil. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. I, p. 249-262
- COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFSCar, 2009.
- GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. A (des)construção do “herói” nos discursos sobre o mensalão: o caso Joaquim Barbosa. Desenredo, Vol. 11, nº 1, jan - jun 2015, p. 118 - 133. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/4986/3446>. Acesso em 19 nov. 2015
- GRIGOLETTO, E. ; DE NARDI, F. S. . (Des)politização e resistência no funcionamento dos processos de heroicização construídos pelo discurso da mídia. In: Evandra Grigoletto; Fabiele Stockmans De Nardi. (Org.). A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas. 1ed.Campinas: Pontes editores, 2016, v. 1, p. 271-282.
- \_\_\_\_\_. Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira-PE), 1950-1988; 2008; Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas
- ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: UNICAMP, 2007.
- ORLANDI, Eni. Discurso e argumentação: um observatório do político. Fórum Linguístico. Florianópolis: n.1, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6915/6378>>. Acesso em 30 nov. 2017.
- POVO XUKURU DO ORORUBÁ. *Plantando a memória do Nosso povo e colhendo os frutos da nossa luta* :. O projeto político pedagógico das escolas xukuru. Recife : Centro de Cultura Luiz Freire, 2005.



PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p.49-59.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso; uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.

ROMÃO, L.M.S.; LEANDRO-FERREIRA, M.C.; DELA-SILVA, S. (Orgs.) Arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

SILVA, Edson. Índios Xukuru: a história a partir das memórias. *História Unisinos*.v. 15 n. 2, p.182-194, 2011.

SILVA, Edson. Xucuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988. Tese de Doutorado em História Social. Campinas, UNICAMP, 2008